

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE014561

FARJALLAT, Célia Siqueira. A carta de Caminha. Correio
Popular, Campinas, 04 abr. 2000.

A Carta de Caminha

A famosa “Carta do Achatamento do Brasil,” obra prima pela minúcia da informação e saborosa linguagem quinhentista, é de autoria de Pero Vaz Caminha, escrivão da armada de Cabral, e dirigida ao rei D. Manuel, o Venturoso.

Quem foi Caminha? Sabe-se que nasceu no Porto, em data ignorada, e faleceu na Índia, ao acompanhar Pedro Álvares Cabral, em dezembro de 1500, vítima de assalto de mouros à feitoria de Calecut, para a qual fora nomeado escrivão. Foi Mestre da Balança da Casa da Moeda de sua cidade natal, antes de ser escrivão na armada cabralina.

Tanto Caminha como sua Carta merecem a gratidão do Brasil. A Carta é longa demais para ser transcrita na íntegra neste espaço. Por isso, repartia-a ao meio, ficando o final para a próxima terça-feira, se Deus quiser. E ainda tive a ousadia de transcrever apenas alguns trechos, os mais representativos, naturalmente.

“Senhor:

Posto que Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros Capitães escrevam à Vossa Alteza, a nova do achamento desta vossa terra nova, que eu nesta navegação agora se achou, não deixarei de dar minha conta disso a Vossa Alteza, o melhor que eu puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba fazer pior que todos (...). A partida de Belém, como Vossa Alteza sabe, foi à 9 de março. Sábado, 14 do dito mês, entre as oito e as nove horas, nos achamos entre as Canárias (...) onde andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E, domingo, 22 do dito mês, às dez horas, pouco mais ou menos, havemos vista das ilhas de Cabo Verde, ou melhor, da ilha de São Nicolau, segundo o dito Pero Escobar, piloto.

Na noite seguinte, segunda-feira, ao amanhecer, se perdeu da frota Vasco de Ataíde, com sua nau, sem haver vento forte nem contrário para que tal acontecesse. Fez o Capitão suas diligências para

o achar, a uma e outra parte, mas não apareceu mais.

E assim, seguimos nosso caminho, por este mar, até que terça-feira das Oitavas da Páscoa, que foram vinte e um dias de abril (...) topamos sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras, a que dão o nome de rabo-de-asno (...). E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves, a que chamam fura-bruxos.

Neste dia, a horas de véspera, havemos vista de terra. Primeiramente, de um grande monte, mui alto e redondo, e doutras serras mais baixas, ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos, ao monte alto, o Capitão pôs nome – o Monte Pascoal – e à terra – a Terra de Vera Cruz.

À quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos direitos à terra, indo os navios pequenos diante (...) até meia légua da terra, onde todos lançamos âncoras em frente, à boca de um rio (...). Dali, avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro (...).

Então lançamos fora os batéis e esquifes; e vieram logo todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor, onde falaram entre si. E o Capitão-mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho, para ver aquele rio

E (...) acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio já ali havia 18 ou 20 homens.

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos, traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijamente sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram.

Ali não pode deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa (...). Deulhes somente um barrete vermelho e uma carapuça de linho, que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas ver-

**Eram pardos,
todos nus,
sem coisa
alguma que
lhes cobrisse
suas vergonhas**

melhas e pardas, como de papagaio, e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, que o Capitão mandou a Vossa Alteza (...).

Na noite seguinte, ventou. E sexta, pela manhã, às 8 horas, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar âncora e fazer vela, e fomos ao longo da costa (...) para ver se achávamos algum abrigo e bom pouso, para tomar água e lenha (...).

(...) Quando fizemos vela, estaríamos já na praia, assentados perto do rio, obra de 60 ou 70 homens (...). Mandou o Capitão aos navios para que seguissem mais chegados à terra, e se achassem pouso seguro para as naus, que amainassem (...). E a 10 léguas do sítio donde tínhamos levantado ferro, acharam um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro (...) e as naus arribaram (...). E um pouco antes do sol posto, amainaram também, obra de uma légua do recife, e ancoraram em onze braças (...). E estando Afonso Lopes em um daqueles navios pequenos, por mandado do Capitão, meteu-se no esquife a sondar o porto dentro, e tomou dois daqueles homens da terra, mancebos de bons corpos, que andavam nus (...). E trouxe-os ao Capitão em cuja nau foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos (...). Andam nus (...). Não fazem o menor caso de encobrir ou mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos trazia os beiços de baixo furados, e metidos neles ossos brancos (...) agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço, e a parte que lhes fica entre os beiços e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta nem os estorva no falar, no comer ou no beber (...) Os cabelos seus são corretos. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobrepena de boa grandura, e rapados até por cima das orelhas. E um de-

les trazia uma espécie de cabeleira de penas de ave, amarelas (...).

(...) O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, bem vestido, com um colar de ouro mui grande ao pescoço, e ao pé uma alcatifa por estrado (...) Sancho de Tovar, Simão de Miranda, Nicolau Coelho, Aires Correia e nós outros, que aqui na nau com ele vamos, sentados no chão, pela alcatifa (...).

Entraram, mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do Capitão e começou a acenar com a mão para a terra e, depois, para o colar, como nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá houvesse prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro. Não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha. Quase tiveram medo dela; não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram, como que espantados. Deram-lhes ali de comer, pão e peixe cozidos, mel e figos passados. Não quiseram comer nada daquilo; trouxeram-lhes vinho em uma taça (...) não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água numa albarrada. Mal a tomaram na boca, que lavaram e logo a lançaram fora (...).

(...) Enquanto estivemos à missa e à pregação (...) (os homens) sentaram-se, e depois, acabada a missa (...), tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e a dançar um pedaço. (...) Acabada a pregação, voltou o Capitão com todos nós para os batéis (...). Embarcamos e fomos todos em direção à terra (...).

Nesse ilhéu, onde fomos ouvir missa e pregação, a água espraia muito, deixando areia e cascalho a descoberto. Enquanto ali estávamos, foram alguns buscar marisco (...) também acharam cascas de berbigões e ameijoas (...).

Conclusão foi tomada (...) tomar aqui por força um par destes homens e os mandar a Vossa Alteza, deixando aqui por eles outros dois destes degradados (...)."